

FACULDADE UNIASSELVI

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

JANAÍNA ALVES GONÇALVES DA SILVA

FORMAÇÃO DE LEITORES: Mediação da leitura pela biblioteca escolar

CIDADE - ESTADO

2021

JANAÍNA ALVES GONÇALVES DA SILVA

FORMAÇÃO DE LEITORES: Mediação da leitura pela biblioteca escolar

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Uniasselvi como pré-requisito para a conclusão do curso de graduação em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a.

CIDADE - ESTADO

2021

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a biblioteca escolar como um potencializador espaço para a mediação da leitura. A pesquisa foi revisão bibliográfica. Foram selecionados artigos e livros relacionados aos temas: biblioteca escola e gestão de biblioteca escolar, em sites como Scielo, Google Acadêmico, Periódicos Capes. O foco para seleção dos textos foi processo documentário, processo informacional, processo comunicacional e processo de ensino e aprendizagem. Considera-se que a mediação da leitura na biblioteca escolar é um fator primordial para o incentivo e o desenvolvimento do hábito de leitura para todos os estudantes.

Palavras-chaves: Biblioteca escolar. Mediação. Leitura. Estudante. Bibliotecário.

ABSTRACT

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 REFERENCIAL TEÓRICO	7
2.1 Leitura e leitor	13

1 INTRODUÇÃO

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, documento do Ministério da Educação, a biblioteca escolar “é a primeira das condições favoráveis para a formação de bons leitores”. (BRASIL, 1997, p. 58).

No entanto, quando se observa o panorama brasileiro da realidade das escolas públicas, verifica-se que são poucas as bibliotecas escolares que conseguem influenciar, de forma significativa, o processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento do hábito de leitura. De modo geral, a biblioteca escolar é um espaço subutilizado nas instituições escolares.

Nos últimos anos, os governos vêm demonstrando interesse em buscarem soluções para os problemas de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, a biblioteca escolar é lembrada como um recurso que pode contribuir para a prática pedagógica.

Com a proposta de escola em tempo integral, é possível observar uma proposta de aprendizagem que não se reduza apenas à dimensão escolar. Isso implica em envolver outras instâncias culturais, como bibliotecas públicas, centros culturais, museus, teatro, cinema, o que demandaria métodos flexíveis de ensinar e aprender.

Entretanto, nem todas as cidades dispõem desse rol cultural. Nessa perspectiva, acredita-se que uma boa biblioteca escolar pode contribuir para incentivar a leitura e ampliar o rol cultural de crianças e adolescentes durante a Educação Básica, ou seja, a faixa etária de 4 a 17 anos de idade.

A escola deve ser entendida como o espaço de mediação, troca e (re) construção de saberes e a biblioteca, o centro convergente de informação, exercendo um papel fundamental na aprendizagem dos estudantes e na prática docente.

Nesse contexto, a questão que norteou este estudo foi: como a biblioteca escolar pode se transformar no espaço de mediação da leitura?

Pelo exposto, o objetivo geral desta pesquisa é discutir a biblioteca escolar como um potencializador espaço para a mediação da leitura. Os objetivos específicos são: conhecer as práticas de mediação da leitura na biblioteca escolar; discutir o papel do bibliotecário na promoção do hábito de leitura e da aprendizagem; apresentar a biblioteca escolar como o espaço privilegiado para mediação da leitura.

Reforça-se a importância desta pesquisa pela possibilidade de discutir a mediação da leitura no contexto da biblioteca escolar e a atuação do bibliotecário na

condução desse processo, despertando os estudantes para o prazer de ler e de se encantar pelo mundo dos livros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Com o crescente interesse governamental nos resultados de aprendizagem da Educação Básica, a biblioteca escolar ganha destaque nas ações educativas. Tem sua função dinamizada e objetivos diferenciados para contribuir com o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, principalmente, em relação às práticas de leitura.

Segundo Silva (2015), a biblioteca escolar ressurgiu nesse movimento de valorização da educação e no esforço de participar da formação dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades que facilitem a vivência na sociedade contemporânea, saturada de informações. Além disso, deverá preocupar-se em desenvolver competências sociais para que os estudantes sejam capazes de tornar as sociedades mais igualitárias e solidárias.

A biblioteca escolar deixa de ser o espaço estático, com a função de armazenar e conservar o acervo para assumir o papel de protagonista na construção da relação entre leitura-leitor. Assim, é fundamental atrair o leitor e cativá-lo e não apenas esperar que ele adentre a biblioteca e percorra suas estantes.

Segundo Brasil (2009b), a biblioteca escolar passa, então, a ter prestígio, visibilidade e atuação definitiva na prática pedagógica, devendo atuar em prol da aprendizagem permanente, estimulando a criatividade, comunicação, cultura, recreação e a formação docente.

Entre as ações consideradas como essenciais para serem desenvolvidas nas bibliotecas escolares, destaca-se a promoção de atividades que incentivem a leitura e a pesquisa.

[...] permite o fomento da leitura [...] uma ação em prol da leitura e incentivo à criação do gosto e hábito de ler. Espaço para o desenvolvimento da pesquisa escolar e do trabalho intelectual [...] considerando-se que uma das atividades a ser desenvolvida pela biblioteca escolar é o incentivo à leitura [...] (BRASIL, 2009, p. 4).

A biblioteca escolar se apresenta como um espaço para a construção e a ampliação da cultura e do conhecimento. Cabe então, à escola, fazer bom uso dos recursos financeiros, informacionais e tecnológicos para atrair a atenção e o interesse dos estudantes para a leitura e a pesquisa, permitindo-lhes acessar e usufruir de fontes de informação que complementem seus conhecimentos e ampliem sua cultura.

“A biblioteca escolar visa a disseminação da informação e o uso frequente deste espaço é fundamental para o pleno desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem”. (NUNES; SANTOS, 2020, p. 3).

No entanto, a biblioteca escolar não tem seu espaço reconhecido dentro da escola. Muitas vezes, é apontada como o espaço da punição, para onde são enviados os estudantes que não fazem as atividades da sala de aula e os funcionários com problemas de saúde ou próximos da aposentadoria.

Segundo Campello (2013), o trabalho realizado nas bibliotecas escolares, em sua maioria, é simplista e pouco consistente, contribuindo pouco para o processo de aprendizagem dos estudantes, o que resulta no isolamento desse espaço no ambiente escolar e no empobrecimento da interlocução entre bibliotecário, professores e discentes.

A biblioteca precisa ser reconhecida pelo corpo docente, discente e por toda a comunidade escolar como um espaço rico em informação e conhecimento e não como uma sala de castigo ou depósito de livros.

“[...] a biblioteca escolar existe para atender às necessidades informacionais dos alunos, professores, coordenadores, enfim de toda a comunidade escolar”. (ALMEIDA JUNIOR; SANTOS NETO, 2014, p. 99).

Fica claro que a biblioteca escolar não pode assumir apenas uma função simplista de depósito, tampouco, assumir o papel de solução para os problemas educacionais enfrentados pela sociedade brasileira. Para contribuir com a prática pedagógica, as bibliotecas escolares devem ter satisfeitas as condições para conseguirem desenvolver o seu papel pedagógico: profissionais habilitados e acervos qualificados. Assim, as bibliotecas poderiam começar a superar as dificuldades encontradas.

Ressalte-se que biblioteca escolar, embora se constitua em um espaço de aquisição e disseminação de cultura e informação, apresenta-se carente das condições adequadas para ofertar um serviço cidadão [...] sua existência está condicionada única e exclusivamente à presença de acervo, e não à oferta de serviços

capazes de promover o acesso aos saberes registrados nos artefatos culturais que a biblioteca escolar deve disponibilizar. (BRASIL, 2009b, p. 4).

A simples aquisição e distribuição de acervo, que ocorrem na maioria das bibliotecas escolares, fere o princípio de utilização e organização desse espaço. Acredita-se que se as instituições de ensino investirem na criação de espaços adequados e bem equipados com acervos que atendam ao Projeto Político Pedagógico das escolas e que sejam contratados profissionais habilitados, essa triste realidade poderá ser transformada significativamente.

Segundo Silva (2015), os profissionais da informação nem sempre estão atuando nas bibliotecas escolares. São eles que devem desenvolver as atividades de incentivo e mediação da leitura, juntamente com os docentes. Nesse cenário, bibliotecário e professores são os protagonistas no processo ensino e aprendizagem, pensando juntos em estratégias pedagógicas que integrem a biblioteca escolar ao Projeto Político Pedagógico da escola.

Cabe ao bibliotecário o papel de disponibilizar os recursos informacionais aos usuários da biblioteca; capacitá-los para utilizarem diferentes fontes e suportes de informação, por isso, a aprendizagem de habilidades informacionais nas escolas deve contar com o apoio desse profissional.

A biblioteca possui um papel primordial para a construção de leitores que, através da leitura, podem desenvolver o pensamento crítico e reflexivo e a construção do conhecimento, estabelecendo a possibilidade de melhor comunicação para uma vida em sociedade. (CIRINO, 2015, p. 58).

A função do bibliotecário é realizar a integração de todos os membros da comunidade escolar, é fundamental para atingir esses objetivos. A parceria entre professor e bibliotecário influencia significativamente no bom desempenho dos estudantes em seu processo de aprendizagem.

Segundo Copes e Saveli (2007), em 1997, o Ministério da Educação criou o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), com o objetivo de promover nas escolas públicas de ensino fundamental recursos diversificados de leitura, essenciais ao desenvolvimento intelectual, emocional e cultural de estudantes e professores.

Em 2014, o PNBE foi destinado a abastecer as escolas de ensino público no âmbito da Educação Básica e Educação de jovens e Adultos (EJA), com o fornecimento de obras e demais materiais de apoio à prática pedagógica. O objetivo

era disponibilizar o acesso de livros aos estudantes e da comunidade escolar ao acervo.

No entanto, a criação desses programas demonstrou não ser suficiente para a formação de leitores. Disponibilizar livros para a biblioteca escolar exige um espaço físico adequado, além de planejamento, organização, profissional qualificado com conhecimento de ações que possam atrair o interesse dos alunos e permitir o acesso ao livro.

No Brasil, a Lei 12244/10 de 24 de maio de 2010 (BRASIL, 2010) foi criada para que os municípios e os estados começassem a implantar meios a fim de melhorar a realidade escolar. Apesar dessa lei obrigar todas as instituições de ensino público a terem uma biblioteca até o ano de 2020, dados do Censo Escolar (2016) realizado pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2016) mostram que essa meta será difícil de alcançar, pois nem todas as escolas públicas do país tiveram instaladas suas bibliotecas. Nesse sentido, o Projeto de Lei n. 9484/2018, discutido e aprovado no âmbito da Comissão Especial de Educação da Câmara dos Deputados, ampliou para 2024 o prazo para que estados e municípios possam se adequar à Lei 2.244/10, (NUNES; SANTOS, 2020, p. 10).

O que se percebe, em muitas escolas públicas, é que elas possuem bibliotecas, mas geralmente não são utilizadas de forma adequada, o que dificulta o incentivo à leitura. Com isso, os estudantes não conhecerão a prática da leitura por prazer e se tornarão reféns da leitura apenas dos livros didáticos.

O uso das bibliotecas pelos aprendizes deve se iniciar desde a educação infantil, por isso a biblioteca escolar tem papel preponderante no que diz respeito a fomentar nos aprendizes a curiosidade, a vontade de aprender, o gosto pela leitura. Para tanto, as bibliotecas precisam estar integradas pedagogicamente ao sistema educacional, em especial as escolares. (CÔRTE; BANDEIRA, 2014, p. 102).

É fundamental que os estudantes aprendam, desde os primeiros anos de escolarização, a importância da biblioteca no espaço escolar como fonte de informação e conhecimento.

A falta de conhecimento sobre o uso e a importância da biblioteca dentro da escola denota a realidade de muitas instituições de ensino, onde os estudantes não recebem o incentivo de seus professores, restringindo-os apenas aos conteúdos dos livros didáticos.

Uma das premissas básicas para mediar à leitura na escola é que o mediador seja leitor, pois desta forma, ele terá mais claro para si mesmo, não apenas as metas pedagógicas, mas a sua própria experiência íntima com o texto poderá fazer diferença no processo de mediação. (SILVA, 2015, p. 496).

Diante do exposto, a interlocução entre os professores e o bibliotecário é a base para formar leitores na escola. Essa parceria é fundamental para o desenvolvimento de atividades educativas e ações culturais que tornarão a biblioteca um instrumento pedagógico de estímulo e incentivo do hábito e do prazer pela leitura. As pesquisas propostas pelo professor para ampliar o conhecimento apreendido na sala de aula chama o bibliotecário a orientar os estudantes a buscarem informações utilizando os suportes disponíveis na biblioteca.

Portanto, a biblioteca escolar é irrefutavelmente necessária para reverter a prática de “copiar e colar”, tão comum entre os alunos e tão naturalmente aceita pelos professores.

Almeida Júnior (2007) realiza uma reflexão a respeito da Biblioteconomia e Ciência da Informação, que, de acordo com o autor, se não houver esse fazer sobre as áreas que trabalham com um objeto imaginário. Que de acordo com ele desconsiderar a leitura ou não entender de maneira a ter uma possibilidade de ficar atualizado com os saberes que esses colaboradores da Biblioteconomia estão estudando em suas práticas durante o seu trabalho. E assim, percebemos que a história da leitura é parecida com a das demais práticas culturais da sociedade, que na construção de sua constituição que na verdade está relacionada com diversas tipologias de textos. E ainda Dumont (1998, p. 56) destaca que “entre os vários conceitos para o estudo da leitura, cabe destacar os de contexto, o sentido e a motivação”. Ela dá certa especificidade, salientando que:

Não se trata de estudar as leituras realmente praticadas de uma obra, ou de outra, em determinada época, ou em outra. Trata-se sim de examinar como um texto se expõe, explicitamente ou não, à leitura, ou as leituras que dele são feitas ou podem ser feitas, em outras palavras, como se permite a liberdade de leitura, ou se faz sua restrição (DUMONT, 1998, p. 56).

A pesquisa escolar não se resume a mera cópia de trechos de textos da internet ou simplesmente ao material dado pelo bibliotecário. Professor e bibliotecário devem orientar os alunos no desenvolvimento da pesquisa, nunca entregando a página exata

onde consta a informação, pois desta forma, negarão ao aluno a oportunidade de adquirir habilidades essenciais para a realização dessa tarefa.

A matéria prima da biblioteca escolar, em qualquer um dos papéis que desempenha, é a informação, a qual está intimamente ligada à geração e construção do conhecimento e é a responsável direta pela formação profissional do aluno. O conhecimento adquirido na biblioteca escolar o acompanhará durante toda vida (CÔRTE; BANDEIRA, 2014, p.6).

A função da biblioteca escolar não é simplesmente emprestar livros. A sua função deve ser educativa, disponibilizando aos usuários o acesso ao acervo a obras literárias e aos recursos que atendam suas necessidades informacionais, para assim, transformá-los em leitores.

Além do bibliotecário, que é o profissional responsável pelo tratamento e organização da informação, o espaço deve ser atrativo, acessível aos usuários e possuir ações e projetos que despertem nos alunos o interesse e desejo de ler.

Para a motivação do gosto pela leitura é fundamental propiciar ao leitor um espaço adequado, agradável, dinâmico e interativo para despertar no leitor a vontade de permanecer no ambiente por mais tempo e despertar a curiosidade em conhecer o acervo.

Incentivar o gosto e o prazer pela leitura é fundamental que o mediador goste de ler, o que é muito importante para a formação de novos leitores. Os estudantes entenderão que a prática da leitura é uma atividade prazerosa que pode trazer vários benefícios à sua vida.

Cabe à biblioteca mostrar-se mais participativa no processo de busca pelo conhecimento dos estudantes, envolvendo-se mais com os conteúdos curriculares e pedagógicos, deixando de ser uma simples indicadora de fontes de informação para se tornar uma orientadora, estimuladora, mediadora e divulgadora da pesquisa e de seus pesquisadores, ampliando a interlocução entre aluno-professor-biblioteca.

Nesse contexto, a mediação da leitura pode se transformar em uma rica possibilidade didático-pedagógica para o processo ensino-aprendizagem. A prática dessa ação na biblioteca escolar possibilita a aproximação dos alunos ao acervo e pode despertar o gosto pela leitura.

2.1 Leitura e leitor

Não podemos definir de forma separada os conceitos para o que realmente seja leitura sem levarmos em conta o ponto de vista do leitor, pois eles se acham de maneira intrínseca relacionados. Conforme Dumont (2007), que fez um levantamento histórico a respeito das análises sobre a leitura, averiguou que o movimento neste estudo histórico desse movimento que teve início nos Estados Unidos, com um contexto que se achava em crise econômica do fim da década de 1930, que estava baseado na sociologia da leitura.

As análises a respeito da difusão da leitura e as implicações a respeito dos leitores e dessa forma, reuniram-se, em conjunto e num mesmo sentido, a ações dos literatos, professores, bibliotecários, pedagogos, psicólogos e sociólogos. Um tempo a frente nos anos 1950, os franceses começaram certas pesquisas ligadas à promoção e utilização de textos. E posteriormente nos anos 80, certos estudiosos passaram a ter um olhar mais direcionado público leitor ou que recebiam dados e análises. Que eles relacionaram às indagações de estudos da ciência da informação e da Biblioteconomia para poderem entender numa área social e, dessa forma, o andar das informações, o sujeito e as variedades de leituras nestes dois contextos. Porém, nos dias atuais as pesquisas averíguam mais a identificação e a efetividade e introjeção de saberes da leitura, que normalmente é tida como uma maneira de se apropriar da leitura por meio da subjetividade do leitor.

Cavallo e Chartier (1998) colocam em pauta as distinções, singularidades e as mais variadas maneiras de leitura, que possuem aspectos das comunidades ocidentais de longa data e anos: Em primeiro lugar reconstruir em suas dimensões históricas os processos que precisam, em um primeiro momento, levar em conta os seus significados que dependem das formas e das circunstâncias através das quais os textos são colocados à disposição e por seus leitores (ou seja, seus ouvintes). E que com certeza estão a frene de textos que são abstratos, ideias, fora de toda materialidade, que são manipulados por objetos, escutam as palavras em que as modalidades reinam sobre a leitura (ou escuta) e, ao realizarem isso, dão ordens a prováveis entendimentos do texto ao qual se habituou a realizar uma crítica estruturalista, nas mais variadas formas, e que as teorias literárias que se preocupam em realizar uma reconstrução de suas obras (CAVALLO, CHARTIER, 1998, p.6).

Dessa forma, o leitor em certo sentido se apropria, como sujeito e produtor de significados por meio de estímulos da leitura. Assim, a percepção que o indivíduo possui, é o ponto de vista como é ansiado o conhecimento, implicando, de certo modo, em algo particular e uma questão social que leva à transformação do leitor (DUMONT, 1998). A questão da leitura é um processo que cada leitor desenvolve de forma individual segundo esse mesmo autor, variando de leitor para leitor. Dumont (1998, p.65), ainda dá certa ênfase: “uma forma de se apropriar do texto através do leitor que resulta numa produção em sentido que imprime a singularidade da leitura, baseada na experiência individual de cada leitor”.

Ainda conforme Antunes (2003, p.70) que acredita que a atividade da leitura corrobora, em um sentido mais próximo, a ampliação dos repertórios de dados do leitor. E isso, é algo que por ela, o leitor muitas vezes pode incorporar outros pensamentos, novas definições, novos dados, e informações diferentes sobre as coisas, acontecimentos, sobre o mundo que o cerca (ANTUNES, 2003, p.70). Enfim, podemos conceituar a leitura como uma maneira em que o leitor passa a entender o texto por meio do conhecimento interno e sua interação com o saber, que ele adquire por meio das várias leituras que realiza do mundo.

Ler é um direito de todos as pessoas, e isso pode ampliar os horizontes delas, quer sejam críticos ou culturais do ser humano. Assim sendo, os indivíduos poderiam desenvolver de maneira mais concebida o senso de criticidade e alçar seus desejos para si próprios e em sua convivência social. Quando falamos de leitura em sala de aula, Britto (2015, p.40) nos diz que, inicialmente, ela serve para ensinar a aprender a ler, e dessa maneira os colaboradores da escola deve “investir no leitor e na valorização de suas escolhas e decisões de caminhos interpretativos”. Eles devem deixar que os alunos escolham de forma livre e segundo a sua vontade, consciência e natureza, além de terem em conformidade com suas áreas biológicas materiais e históricas. Formar um leitor que seja autônomo e capaz de gerir o seu saber por meio de sua apropriação “das formas de ser e de fazer o mundo e se reconhecendo como sujeito de direito, reivindica para si o poder de tomar decisões relativas à sua vida” (BRITTO, 2015, p. 43).

A autonomia é mensurada através da capacidade que o indivíduo possui para analisar, entender a situação com o conhecimento e discernimento que ele mesmo possui. E além disso, o leitor crítico terá assim condições de fazer tal análise do problema de forma objetiva e poderá ainda expandir o seu conhecimento sem levar

em conta dogmas, preconceitos, de maneira a contribuir para o desenvolvimento do sujeito e para a expansão dos saberes adquiridos, apresentando-os com suas próprias palavras.

As pessoas na sociedade, através de uma forma de visão do conhecimento crítico oriundos de uma leitura reflexiva e pela apreciação do sistema social, possuem a possibilidade de apreciarem tudo a sua volta, tendo em vista o direito de acesso às informações públicas do Estado. Bastando para isso que esse leitor tenha um ponto de vista positivo para com essa capacidade poder conhecer bem a sociedade em que vive, e passa a atuar nela de uma maneira mais atenta e ainda democrática.

2.2 Mediação

Segundo a teoria histórico social de Vygotsky (1993), as interações sociais são algo essencial para a formação dos indivíduos e, no decorrer de sua vida, o conhecimento adquirido por meio do processo da mediação entre as pessoas. Já no contexto escolar, essa mesma perspectiva é redimensionada com a relação entre os envolvidos na mediação e estímulo à uma ação da leitura, e isso resulta no diálogo que provocará o compartilhamento de outros diálogos, de ações e comentários feitos no decorrer dos processos de construção do conhecimento, favorecendo as trocas de ideias e conversas, que fluem e se desenvolvem como capital intelectual humano.

De acordo com Turra (2007), mediador é o indivíduo que avalia, amplia e realiza escolhas estratégicas mais apropriadas para certo contexto em que podemos apropriar determinadas experiência de aprendizagem. E assim ao elaborar um local que seja recíproco, ele provoca a curiosidade, demonstrando envolvimento e interesse, estimula a reflexão, a troca de apreços pelas várias opiniões, causando, dessa maneira, alterações significativas e participações mais efetivas. Se a mediação for maior, será também maior a possibilidade de transformar o estado cognitivo dos indivíduos a serem mediados. Essa autora ainda na conclusão de seu artigo afirma que no processo de mediação que é algo que vai além de uma pequena e orientada ação de um produto, de orientação para a aprendizagem, possui como finalidade capacitar a pessoa para poder interagir de forma independente de situações particulares e assim o indivíduo se torna mais adaptativo às novas dimensões em que encontrará pela frente (TURRA, 2007, p. 309).

Marteleteo (2009), conceitua a mediação numa perspectiva difusionista do conhecimento científico, oriunda da década de 1970. Porém, hoje ela assume algumas características tais como:

- ❖ Não é mais vista como uma ciência como tal;
- ❖ As formas de estudos são variadas, fora de um modelo unificador da vulgarização;
- ❖ Possui uma abordagem pragmática da informação e da comunicação tornando-se algo um tanto como crítico-denunciata.

Marteleteo (2009), ainda ressalta que o “como fazer” deve ocupar o lugar de “para que”. E pensa-se ainda mais em que haja um “compartilhamento entre os diversos conhecimentos” do que um “compartilhamento de conhecimentos”, e que os estudos realizados pelas ciências da Comunicação e da informação começam se doando para depois investigar. Assim, a definição de mediação, como forma de trazer privilégios de análises puramente relacionais do conhecimento e das informações, conduzem as coisas sem levar em conta que há uma forma de negociar entre essas diversas propriedades do discurso e as técnicas de apropriação dos indivíduos sociais.

Gellereau (2006) em um discurso que ela se propôs a realizar ao estabelecer que o termo “pode ser entendido sob dois prismas: o de “relação com um sistema” (como por exemplo mediação social) ou de “construção de sentido (GELLEREAU, 2006 apud MARTELETO, 2009, p.19). Marteleteo leva em conta ainda que numa nova desfeita dessa situação, a mediação resulta sempre em acompanhamento, controle e negociação por um “terceiro”, ao passo que o indivíduo se beneficia de fases da mediação que poderão ser aprofundadas em um ponto de vista particular e a descoberta de outros (MARTELETO, 2009). Lembra que um conceito que o termo possui é visto como uma existência de uma certa negociação de certas propriedades do discurso proposto e das estratégias de adaptação dos indivíduos sociais.

Ainda em documentos mais novos, e mostrando de forma específica as análises da informação e comunicação, Marteleteo e Couzinet (2013, p.3) apontam que:

[...] noção de mediação veio se transformando nos últimos anos, passando da ideia de transmissão unilinear, concebida nas teorias clássicas e alicerçada na figura de um mediador ou de uma mídia, a um processo onde intervêm diferentes agentes técnicos, sociais e culturais. Outro ponto

relevante foi a amplitude da abordagem do objeto no campo da informação: antes limitado ao estudo da “informação científica” e seus processos de transmissão, novos estudos passaram pouco a pouco a incorporar outras práticas por meio das quais os saberes e as informações são produzidos e apropriados socialmente, compreendendo a riqueza e a dimensão criativa dos mediadores enquanto atores da transformação cultural e a importância das mediações na instituição da cultura e da sociedade. (MARTELETO; COUZINET, 2013, p. 3).

Ainda Araújo (2016), corrobora para a crítica ao exemplo transmissivo nas fases iniciais dos estudantes por meio da mediação e a Ciência da Informação, e ainda faz menção à tríade conceitual dado-informação-conhecimento e de sua hegemonia do início dos anos 1990 e da sua proximidade com a cultura e a mediação. Salienta ainda, que o conceito de mediação invoca os estudiosos da Ciência da Informação a terem um olhar para as diferentes intervenções dos seres humanos como em institucionalizações, sedimentações, acumulações, apropriações, concordâncias, relutâncias, vistas como não somente tarefas técnicas, no sentido como elas mesmas são.

E assim, este autor traz à luz a propriedade da Biblioteconomia e da Ciência da Informação que ambas necessitam a cada vez mais deslocarem-se das análises fisicistas das décadas de 1960 e 1970 que já se acham em desuso, porque suas práticas de mediação das informações não fixas e caso não sejam espelhadas nas facetas históricas, políticas, econômicas e sociais do contexto, da sociedade em que esses leitores pertencem.

CONCLUSÃO

Neste nosso pequeno trabalho, procuramos descrever como se dá a formação de bons leitores e como é realizado o processo de mediação da leitura por meio do docente. Buscamos em fontes que agregassem valor e sentido o que ao trabalho a que nos propusemos, e verificamos que no processo de ensino-aprendizagem o desenvolvimento de bons hábitos de leitura é fundamental para que essa aprendizagem seja mais efetiva e eficaz. De uma maneira geral, podemos concluir ainda por meio das análises realizadas, que a biblioteca escolar possui um papel fundamental neste processo, sendo o espaço escolar mais adequado a ser utilizado

pela instituição de ensino para que os alunos possam ter o seu contato com os livros e dessa forma se ambientar com os livros e obras literárias ou com os livros didáticos.

As pesquisas realizadas apontam que a biblioteca escolar pode se transformar em um potente recurso pedagógico e que a interação entre professor e bibliotecário tornarão essa prática viável.

A mediação é um fator primordial para o incentivo e o desenvolvimento do gosto pela leitura. Ter um professor leitor, influenciará a formação do futuro novo leitor e quanto mais cedo essa mediação acontecer, melhor será para o estudante.

Considera-se que o bibliotecário, profissional da informação, irá incrementar um papel educativo a biblioteca escolar, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, desenvolvendo atividades e projetos de incentivo à leitura que atrairão os usuários e despertarão o desejo de frequentar a biblioteca e fazer uso dos recursos oferecidos para complementar o conhecimento da sala de aula.

A biblioteca escolar é uma poderosa ferramenta pedagógica para a formação de futuros leitores. Crianças que aprendem, desde cedo, a importância da biblioteca escolar, possuirão as competências necessárias para utilizar os serviços, produtos e recursos oferecidos, o que será fundamental para uma futura vida acadêmica.

Dessa forma, ainda destacando o papel da biblioteca escolar, destacamos que ela ressurgiu de um movimento de valorização da educação e no esforço de participação na formação dos estudantes, auxiliando para o desenvolvimento de habilidades que venham a facilitar a convivência na nossa sociedade contemporânea, saturada de informações. Além disso, deverá preocupar-se em desenvolver competências sociais para que os estudantes sejam capazes de tornar as sociedades mais igualitárias e solidárias.

A biblioteca escolar deixa de ser o espaço estático, com a função de armazenar e conservar o acervo para assumir o papel de protagonista na construção da relação entre leitura-leitor. Assim, é fundamental atrair o leitor e cativá-lo e não apenas esperar que ele adentre a biblioteca e percorra suas estantes.

De acordo com as leituras realizadas, pode-se afirmar que a pesquisa atingiu seus objetivos.

Ficou evidenciado que tratar do diálogo entre a escola e a biblioteca escolar é concebê-las como partes interdependentes e indissociáveis. Ambas são espaços de encontro, intercâmbio de conhecimentos e de aprendizagem.

Espera-se que a pesquisa aqui apresentada provoque discussões em diferentes instâncias e grupos sociais, nas reuniões que discutem o currículo escolar, o Projeto Político Pedagógico e a leitura nos espaços escolares.

REFERÊNCIAS

ABREU, Flávia Ferreira; DUMONT, Ligia Maria Moreira. Adolescentes e mediação da leitura em biblioteca escolar. **Em Questão**, v. 27, n. 1, p. 388-402, 2021.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; SANTOS NETO, João Arlindo dos. A mediação da informação e a organização do conhecimento: Interrelações. *Informação & Informação*, Londrina, v. 19, n. 2, p. 98-116, maio 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16716>. Acessado em: 12 set. 2020.

AMARAL, F. P. et al. Orientações para actividades de leitura programa-está na hora dos livros jardim de infância. 2014.

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. JOUVE, Vincent, A leitura. São Paulo: UNESP, 2002.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, v. 29, p. 449-469, 2014.

BRASIL. Manifesto em Defesa da Biblioteca. *Bob News CRB-8*, n.5, p. 4-5, jun.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997, 10v.

BRITTO RIBEIRO DE JESUS, Patrícia; DOS SANTOS, Iraci; DA SILVA BRANDÃO, Euzeli. A autoimagem e a autoestima das pessoas com transtornos de pele: uma revisão integrativa da literatura baseada no modelo de Callista Roy. **Aquichan**, v. 15, n. 1, p. 75-89, 2015.

CAMPELLO, B. A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para seu aperfeiçoamento. Belo Horizonte, Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2013.

CAVALLO, Guglielmo et al. **História de la lectura en el mundo occidental**. Taurus Pensamiento, 1998.

CHARTIER, Anne Marie et al. A invenção do cotidiano: uma leitura, usos. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 17, 1998.

CIRINO, Darciane Barros Leão. Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE: apropriação dos acervos das escolas municipais de Ipameri-GO, 2015. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/549/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Darciene.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. Anais [...] Campinas-São Paulo: UNICAMP, 2007. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem07pdf/sm07ss11_07.pdf. Acessado em: 25 ago. 2020.

COPES, Regina Janiaki; SAVELI Esméria de Lourdes. Programas, Projetos e Campanhas de Incentivo à Leitura: uma visão histórica. In:

CÔRTE, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. Biblioteca escolar. Brasília, Briquet de Lemos, 2014.

DE ARAUJO, Nadia. **Direito internacional privado: teoria e prática brasileira**. Revolução eBook, 2016. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/5259000/dousecao->
maio 2010.

MARTELETO, Regina Maria. A pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: marcos institucionais, cenários e perspectivas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, p. 19-40, 2009.

NUNES, Martha Suzzana Cabral; SANTOS, Flaviana de Oliveira. Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores. *Pespect. Ciênc. Inf.* 2020, Vol. 25, n. 2, pp. 3-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362020000200003> Acessado em: 28 set 2020.

SILVA, Rovilson José da. Formar leitores na escola: o projeto pedagógico, a biblioteca escolar e a mediação. *Informação & Informação*, Londrina, v.20, n. 3 p.487-506, set./dez.2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15390/17677>. Acesso em: 10 out. 2020.

TURRA, Neide Catarina. Reuven feuerstein: “experiência de aprendizagem mediada: um salto para a modificabilidade cognitiva estrutural”. **Educere et Educare**, p. 297-310, 2007.

VYGOTSKY, L. S. *Obras Escogidas II: problemas de sicología general*. Madrid: Visor Distribuciones, 1993.
